

Semana Comemorativa dos cinqüenta anos da Faculdade de Filosofia do CES e dos setenta anos do Pe. Vaz

*Pedro Rubens de Oliveira SJ
Pablo V. de Mella Febles SJ*

A Filosofia, apesar de sua morte tantas vezes anunciada, não capitula frente às crises da realidade e do sentido, nem tampouco contenta-se em compor seu próprio réquiem. Ao contrário, irrompe no seio da faticidade de nossa liberdade para ascender à consciência, fazendo-se tradição de sentido.

No cenário da crise dos grandes sistemas e da perplexidade diante de uma situação carente de perspectivas, fez-se notar um evento ousado e significativo para o pensamento brasileiro. Realizou-se, de 5 a 9 de agosto de 1991, no auditório do CES (Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus — Belo Horizonte — MG), a Semana Filosófica comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus no Brasil e dos 70 anos de Pe. Henrique Vaz SJ, "seu mais brilhante aluno e mais ilustre professor", na expressão do Pe. Marcelo Perine SJ, atual diretor da referida Faculdade e organizador do evento.

A pertinência desse acontecimento e a necessidade de um contínuo exercício filosófico urgem na atual conjuntura, "marcada por um saber fragmentado, uma racionalidade funcional e uma desordem mundial injusta" como contextualizou Pe. Mario de França Miranda SJ, reitor do CES, na saudação de abertura da Semana.

Primeiro dia: "Ontologia e história"

O título da temática deste dia inaugural corresponde à primeira grande obra do Pe. Vaz (*Ontologia e história*, São Paulo: Duas Cidades, 1968). O expositor principal foi o Prof. Pedro Paulo Cristóvão dos Santos (UFMG). A partir do termo, de cunho hegeliano, "reconhecimento de consciências", caro ao pensamento vaziano, o Prof. Santos mostrou como o Pe. Vaz fez, nos anos 60, a releitura da Doutrina Social da Igreja ensinada pelo Papa João XXIII. Sua colocação consistiu numa exegese do artigo do Pe. Vaz intitulado "A grande mensagem social de S.S. João XXIII". Segundo Vaz, o pensamento cristão considera o ser humano como "pessoa", que é interioridade, e como dom. O fundamento último dessa afirmação se coloca no fato histórico do Cristo, Verbo de Deus Encarnado. E quando volta seus olhos para a dimensão social que brota do ágape, o cristianismo hasteia o princípio do Bem Comum, que deita suas raízes na própria dialética histórica, mas que possui uma natureza moral. Com outras palavras, o Bem Comum medeia a dialética histórica de pessoa e sociedade. A partir dessa duas dimensões são compreensíveis os termos do ensinamento do Papa João XXIII, "personalização" e "socialização", que almejam criticar as concepções modernas da relação homem-sociedade, atreladas a visões determinísticas do processo histórico. Como crítica a estas visões, afirma Santos, Vaz propõe um conceito do trabalho como "comunicação das consciências", donde decorre que o último substrato do existir humano é o existir ético.

À colocação do Prof. Santos seguiram-se três breves comunicações, a modo de mesa-redonda. O Prof. Raul Landim Filho (UFRJ) testemunhou com emoção sua amizade "disciplinar" com o Pe. Vaz. Salientou como a categoria "consciência histórica" o ajudou na construção da ponte intelectual que precisava para, como egressado de colégio católico, defrontar-se com os desafios do pensamento marxista. Era o começo dos anos 60. Hoje, reconhece no seu amigo e professor a continuação de um esforço de crítica filosófica dos pressupostos da modernidade (a saber, *ego cogito* e práxis produtiva), mostrando com rigor a pertinência de um discurso sobre a transcendência que faça possível o diálogo entre filosofia e cristianismo, mesmo depois da virada antropocêntrica do pensamento.

Na sua intervenção, o Prof. Guido Antônio de Almeida (UFRJ) continuou a reflexão sobre o diálogo entre cristianismo e filosofia moderna, porém retomando a afirmação final do Prof. Santos de que o existir propriamente humano, segundo o Pe. Vaz, é o existir ético. Aqui a pergunta se coloca nestes termos: em que sentido e até que ponto será possível preservar na filosofia do mundo moderno, caracterizado pela privatização da fé e a progressiva perda de plausibilidade das fundações religiosas e metafísicas, a idéia cristã da moralidade como exigência incondicional? Dialogando com Kant e renunciando ao emotivismo e a outras posições que acabam no

ceticismo moral, o Prof. Almeida propõe um caminho de solução: traduzir conceptualmente a exigência de dom de si e interioridade, primeiro na fórmula do Imperativo Categórico e, segundo, considerar tal exigência como um dos aspectos implicados pelo princípio de universalização. Com efeito, conclui, uma concepção cristã não comparte com uma ética que derive sua exigência moral inconcussa de uma condição contingente. Neste ponto, o pensamento de Kant mostra ainda hoje sua pertinência irrevogável.

Pe. Marcelo Fernandes de Aquino SJ (Faculdade de Filosofia do CES), comentou a temática do dia na perspectiva do sistema que está à base do pensamento do Pe. Vaz. Analisando sobretudo a última obra do homenageado (*Antropologia Filosófica I*, São Paulo: Loyola, 1991). Aquino afirma que o sistema vaziano se apresenta como uma fenomenologia da liberdade. Através da figura do silogismo fenomenológico (NEL), a antropologia de Vaz concebe o homem como o sujeito que, na sua função mediadora entre Mundo (Natureza e Sociedade) e Forma Lógica, se abre à transcendência. A constatação faz com que toda ontologia do espírito finito seja uma ontologia da participação no espírito infinito. O espírito humano aparece destarte co-extensivo ao ser, como já afirmara Santo Tomás. Assim, a lógica do pensamento de Vaz é a do ato de existir: o ser como existência. Porém, este ponto da logicidade, conclui Aquino, ainda espera por maiores esclarecimentos na obra de Vaz, para continuar inspirando, a partir da experiência judaico-cristã, gerações de jovens intelectuais que se engajem no trabalho da democratização do Brasil.

Segundo dia: "Filosofia e cristianismo"

O Pe. Carlos Palacio SJ (Faculdade de Teologia do CES) teve a seu encargo a exposição central do dia. Observou de saída que o cristianismo, mesmo sendo na sua origem um acontecimento histórico, não hesitou em exprimir sua originalidade nos termos da filosofia helenística. Verificou-se uma síntese entre experiência e razão, e, como é sabido, desse encontro surgiu a cultura ocidental. A seguir questionou-se o progressivo estranhamento, e até ruptura, da cultura moderna com suas raízes cristãs. A solução do problema não virá da oposição "coração" e "razão". Se o cristianismo não conseguir se expressar nos termos do pensamento moderno, corre o risco de ficar condenado ao silêncio. Ora, como realizar o diálogo com a modernidade sem cair num "bilingüismo" conivente ou recuar a uma racionalidade pré-moderna? Percorrendo a história da aventura cultural do Ocidente, Palacio tentou levar à luz alguns elementos para uma resposta adequada ao dilema. Antes de tudo, deve admitir-se que há na natureza própria da confissão de fé cristã uma exigência de racionalidade. O *kérygma* vem seguido da *didakhé*. O *lógos* não é estranho ao reconhecimento de Jesus como o Cristo. O testemunho principal a respeito é oferecido não só

pelo surgimento da ciência teológica, mas também pelo campo fecundo das disputas doutrinárias, cristológicas ou trinitárias. A frase que retrata a Alta Idade Média: *fides quaerens intellectum* lembra a superação do senhorio solitário do instrumental neoplatônico nas conceptualizações teológicas. Introduzida a possibilidade do discernimento entre sistemas filosóficos pela recepção do aristotelismo, começaram a progressiva separação formal dos saberes. Nos tempos modernos, a filosofia "cristã" correu paralela aos esforços intelectuais das grandes filosofias, marcadas pelo antropocentrismo. Tem havido, é verdade, esforços para superar essa distância: a "teologia da secularização", a Constituição *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, as teologias pós-conciliares... Todavia, impõe-se uma fidelidade ao cristianismo: afirmar a "lógica" da cruz, referindo-se assim ao fato escatológico do Cristo, e encaminhar-se numa direção que vá além da razão moderna e da mesma religião, sem renunciar no entanto à racionalidade enquanto tal. Numa palavra, "des-centrar" o homem do discurso filosófico que defende um "antropocentrismo radical" ou, o que é o mesmo, articular uma teologia da história: a do Verbo Encarnado; pois o cristianismo acredita que o homem só pode ser pensado com justiça no mistério de Deus Trinitário.

A colocação do Pe. Palacio foi retomada pelos comentários dos Pes. João Batista Libânio SJ (CES), Ulpiano Vázquez SJ (CES), Pedro Ferreira SJ (PUC-Rio de Janeiro) e Félix Pastor SJ (Pontificia Universidade Gregoriana, Roma). Fazemos só uma rápida referência a dois destes comentários. Inspirando-se no conceito de "processo judicial" usado por Pe. Valadier numa recente obra sobre Igreja e sociedade moderna, o Pe. Libânio entabula juízo contra a razão moderna. A "modernidade moderna" na sua forma capitalista deixa ouvir os estertores das mortes que causa. Libânio a condena a partir da opção cristã preferencial pelos pobres, manifesta na América Latina com maior força. Eis a nova chance do cristianismo diante da modernidade. O Pe. Vázquez se encarregou de refletir sugestivamente sobre o encontro do *lógos* grego com o *lógos* cristão que vai do *kérygma* à *didakhé*, através da figura de Orígenes.

Terceiro dia: "Ética e Cultura"

A temática foi introduzida pelo Pe. Paulo Meneses SJ (UFPE) em diálogo fecundo com a obra homônima de Pe. Vaz (*Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*, São Paulo: Loyola, 1988). Partindo da relação intrínseca entre Ética e Cultura, considerando suas implicações históricas e teóricas, tanto do ponto de vista do "ethos vivido" como da "ciência do ethos", Meneses analisou a cisão moderna e as consequências lógicas de uma cultura sem ética. Elencou exemplos da sociedade brasileira, seja no processo de formação do povo ("sangrado e ressangrado, capado e recapado", expressão de Capistrano de Abreu), seja na situação atual de "um país que não deu certo", citando

Darcy Ribeiro. Isso tem-se agravado, legitimando a "lei de Gérson": o importante é levar vantagem em tudo. Contudo, a reflexão não desembocou no fatalismo estéril, nem no utopismo alienante. Antes, apontou sinais concretos no presente histórico que sugerem uma lúcida esperança na direção de um "reino ético" para os tempos futuros.

A problemática ética foi retomada sob o ponto de vista da relação "Ética e Medida" (Prof. José Henrique Santos, UFMG), da reflexão sobre a "Crise Ética" (Profa. Marilene Brunelli, Faculdade de Filosofia do CES) e "Sobre a contradição pragmática como fundamentação do sistema" (Prof. Carlos R.V. Cirne Lima, UFRGS). A perda da noção de medida, segundo Henrique Santos, caracteriza e acentua o niilismo ético e o paradoxo de uma cultura sem ética. As conseqüências podem ser percebidas no campo da Política, haja vista o despojamento de qualquer preocupação ética, em troca de uma sempre maior gravitação em torno do poder, seja para obtê-lo, seja para mantê-lo.

Para a Profa. Brunelli, desponta no pensamento do Pe. Vaz a concepção de que a solução da crise ética reside no princípio do reconhecimento e requer a estruturação de uma comunidade ética, que se tornará visível na "face do outro" e que manifestará "sua transcendência como a do Outro Absoluto: irredutível, portanto, à imanência do sujeito e, no entanto, infinitamente próximo em toda a forma de reconhecimento na reciprocidade oblativa do amor".

O problema da Filosofia como sistema objetivo, na pretensão de ser totalizante dos outros sistemas, foi levantado por Cirne Lima. Através de um encadeamento lógico de premissas, o debatedor provocou o auditório, do qual pulularam perguntas e colocações. Partiu do ceticismo: este ao afirmar que "não há nenhuma proposição universalíssima que seja verdadeira", acaba por admitir forçosamente, junto com a pretensão de validade da própria afirmação, que "pelo menos algumas proposições universalíssimas são verdadeiras", donde se segue que "existem, em princípio, proposições verdadeiras". Com esse fio lógico, analisou o transcendentalismo de Kant e o idealismo de Hegel, para chegar ao "idealismo objetivo", postulado no argumento de V. Hösle. No idealismo objetivo dá-se a conciliação do ideal e do empírico, da necessidade a priori com a contingência empírica a posteriori. Com outras palavras: conciliação dialética "do individual e do universal, do empírico e do transcendental, do finito e do infinito".

Quarto dia: "Antropologia e História"

"Socialidade humana e Democracia" é um capítulo de Antropologia e História, desenvolvido e apresentado pelo Prof. Xavier Herrero (UFMG), no filão de uma das preocupações intelectuais perenes na Faculdade jubilar e, em particular, no pensamento do Mestre Vaz. A constatação da crise da

cultura do discurso sem sujeito reivindica um resgate do homem real em sua condição de sujeito. Isso significa a superação das aporias modernas, a partir do momento em que o homem se reconheça e seja reconhecido como sujeito entre sujeitos, liberdade face a outras liberdades. Tomando como ponto de partida a perspectiva pragmático-lingüística, enquanto marco teórico que possibilita o processo simultâneo de individuação e socialização, Herrero demonstra, num segundo momento, como a realização da liberdade humana efetiva-se somente no espaço de uma sociedade plenamente democrática, enquanto comunidade ética.

O Prof. Manfredo A. Oliveira (UFCE) mostrou que a democracia, enquanto efetivação histórica da comunidade ilimitada de comunicação, segundo a perspectiva da pragmática transcendental, assume um caráter de tensão. Por um lado, a democracia é condição de possibilidade da práxis histórica dos homens e, por outro, constitui a efetivação e institucionalização dos discursos práticos. Portanto, conclui, com citação do Pe. Vaz, "qualquer intento de efetivação de uma democracia real coloca em primeiro plano as exigências éticas da ação política. É nesse plano que irá decidir-se, afinal, o êxito da experiência democrática e, com ele, o destino da liberdade nas sociedades contemporâneas, vem a ser, o próprio destino do homem político, como ser dotado de uma essencial dignidade" ("Democracia e Dignidade Humana", *Síntese Nova Fase*, n. 44 (1988), p. 22).

Dentro do espírito de homenagem, no estilo de um depoimento agridecido, Luiz Alberto G. de Souza (Centro João XXIII — Rio de Janeiro) fez um memorial da importância decisiva do pensamento e pessoa do Pe. Vaz na formação da "consciência histórica" de uma geração de jovens cristãos, sedentos de ação e compromisso, no calor dos anos 60.

"A Escrita da História", abordagem da Profa. Maria Eugênia D. de Oliveira (UFMG), depara com dilemas gerados pela concepção moderna de história e desafia-nos a buscar a totalidade da experiência vivida, revelando-se assim a impossibilidade de dissociar o tempo e sua articulação lingüística.

Quinto dia: Sessão solene de encerramento

O último dia esteve carregado de gestos simbólicos. O Pe. Fernando Bastos de Ávila SJ (IBRADES — Rio de Janeiro), velho companheiro do Pe. Vaz, pronunciou uma *Laudatio finalis*, testemunho carinhoso de entranhada amizade. No amigo, o Pe. Ávila reconheceu o jesuíta fiel ao âmago do espírito de S. Inácio, aquele que entrega toda a liberdade, para a maior Glória de Deus. Um fato fundamental da vida de Vaz o ilustra: "Foi o Pe. Vaz, com seus primeiros estudos sobre cristianismo e marxismo, sobre a consciência histórica, que despertou a Igreja do Brasil e da América Latina de sua piedosa hibernação devocional".

A seguir, foi concedido ao homenageado o primeiro Doutorado Honoris Causa pela Faculdade de Filosofia do CES. O Pe. Vaz, então, pronunciou sua *Lectio magistralis*, intitulada "Morte e vida da filosofia". Nela, o Pe. Vaz começava constatando que a "cacarejada" morte da filosofia encontra um escolho paradoxal: a vitalidade que goza a reflexão filosófica hoje em dia. Seria o primeiro caso em que "um defunto fornece seu próprio atestado de óbito". O tema da morte da filosofia manifesta na verdade um dos pólos da crise da civilização ocidental contemporânea; o outro pólo é, seja dito de passagem, a crise do cristianismo. A civilização ocidental, nesse percalço, acabará conformando a existência do homem com a de um animal satisfeito. Só então se consumaria a pretensa morte da atitude filosófica, o admirar-se, horto de toda racionalidade. Mas isso, por enquanto, não parece que vai acontecer. A própria Semana Filosófica, que nesse dia se encerrava, demonstrava exemplarmente o contrário. Rememorando, por último, as vicissitudes dos 50 anos da Faculdade de Filosofia que a Semana comemorava, Vaz acabou reconhecendo no caminho percorrido o desígnio de Deus que o punha, na madurez de sua vida de filósofo, "ao pé da alta montanha da Teologia".

O Pe. Marcelo Perine SJ, organizador do evento, deu por encerrada a Semana. Coroava-se o trabalho de um ano de preparativos com a merecida tranquilidade da missão bem cumprida. E também com a satisfação de alguém que acredita que a filosofia "não se reduz a um saber acumulado e não pode vir a sê-lo sem se tornar simples doxografia".

Nota final: As atas da Semana Filosófica foram publicadas no vol.18, n. 55 (1991), da revista *Síntese*. Pedidos à: Revista Síntese, C.P. 5047, 31611 Belo Horizonte-MG.

Pedro Rubens de Oliveira SJ e Pablo Virgilio Mella de Febles SJ são alunos da Faculdade de Teologia do CES.

Endereço: Caixa Postal 5047 — 31611 Belo Horizonte-MG